



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

ALINE PEREIRA SANTIAGO

A IMPORTÂNCIA DO RITUAL DE PASSAGEM NA VIDA DAS
CRIANÇAS NA OBRA “AS TRANÇAS DE BINTOU”

GUARABIRA – PB
2018

ALINE PEREIRA SANTIAGO

**A IMPORTÂNCIA DO RITUAL DE PASSAGEM NA VIDA DAS
CRIANÇAS NA OBRA “AS TRANÇAS DE BINTOU”**

Monografia apresentada ao curso de
Especialização em Educação Étnico-Racial na
Educação Infantil como requisito para a
obtenção do título de especialista em Educação
Étnico-Racial na Educação Infantil.

Orientadora: Prof^a Ms. Paula Maria Fernandes da Silva

**GUARABIRA-PB
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S235i Santiago, Aline Pereira

A importância do ritual de passagem na vida das crianças na obra "As tranças de Bintou". / Aline Pereira Santiago - Guarabira: UEPB, 2018.

53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil) – Universidade Estadual da Paraíba.

"Orientação Profa. Ms. Paula Maria Fernandes da Silva."

1. Educação infantil. 2. Personagens negros. 3. Literatura afro-brasileira. 4. Identidade negra. I. Título.

22.ed. CDD 372.4

ALINE PEREIRA SANTIAGO

**A IMPORTÂNCIA DO RITUAL DE PASSAGEM NA VIDA DAS CRIANÇAS NA OBRA
“AS TRANÇAS DE BINTOU”**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil como requisito para a obtenção do título de especialista em Educação Étnico-Racial na Educação Infantil.

Aprovada em: 13 / 03 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Paula Maria Fernandes da Silva

Profª Ms. Paula Maria Fernandes da Silva
(Orientadora)

Ivonildes da Silva Fonseca

Profª Dra. Ivonildes da Silva Fonseca
(Examinadora)

Waldecir Ferreira Chagas

Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas
(Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Isabel Pereira, mulher forte, amorosa e que dá cor e brilho aos meus dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, por serem luz e proteção em minha caminhada.

Agradeço à minha mãe, Izabel Pereira Santiago, que me embalou em seus braços e acompanha meu caminhar, aconselhando-me e ouvindo minhas angústias e alegrias. Por todas as orações e a partilha do amor e atenção. Obrigada mãe, por me ensinar a sonhar! Ao meu pai Antonio Santiago (em memória) por ter semeado o desejo de aprender e acreditar em dias melhores, construídos com nossos esforços. Assim como vocês me ensinaram a caminhar, sigo na estrada levando os ensinamentos e a certeza de que devemos sempre acreditar em nossa capacidade de lutar para a realização dos sonhos.

Às minhas irmãs: Angela Santiago, Lúcia Santiago e Laís Santiago, as mulheres que cercam minha vida. As mulheres que ensinam e incentivam a sempre levantar após os tropeços e seguir a caminhada.

Aos meus/minhas sobrinhos/as: Victor Santiago, Yasmin Santiago, Davi Santiago e Maria Isabel Santiago, que são forças e esperanças para os dias melhores.

A José André, namorado e companheiro de vida e de sonhos, por toda compreensão e apoio.

Às minhas amigas, companheiras da graduação que considero irmãs: Camila Nascimento e Elizabete (rainha), pessoas importantes em minha trajetória acadêmica e a quem levarei para sempre em minha vida. Encontrar seres de luz que ajudam em nossa caminhada é um privilégio. Obrigada pelos textos, canetas, cadernos, abraços e tardes vividas.

Às minhas amigas da Creche Santo Antônio, por todo apoio. E aos/aos meus/minhas pequenos/as, por todas as manhãs vividas. Sou grata, por aprender com os sorrisos e passos firmes que foram dados, no percurso dos anos de 2016 e 2017. Em cada rostinho, um aprendizado e a certeza de que um bom dia, acompanhado de um cheirinho, muda toda a nossa manhã.

À turma da especialização, por cada sexta-feira compartilhada, pelos risos e descobertas. Ao colega Paulo Ricardo, por partilhar textos para a escrita deste trabalho.

À minha orientadora Paula Maria Fernandes, por sua atenção e paciência na escrita e desenvolvimento deste trabalho. Mulher de força e de luz! Obrigada, por tudo!

Agradeço aos/as professores/a e aos coordenadores da especialização, que enquanto vozes do Movimento Negro tornam-se multiplicadores ao partilhar os conhecimentos,

dividindo seus dias, na formação de nossa turma da especialização. Em meio aos dias de incertezas políticas, sociais e educacionais, vocês são exemplos de resistência e de luta. Ensinar vai além dos muros escolares. Resistir! Dandara vive!

Agradecer é um gesto importante e de valor. Em meio à caminhada da vida, vamos conhecendo pessoas e por vezes, perdendo algumas para um plano maior. Mas, cada uma delas, deixa registrada em nossa história, marcas, momentos, abraços e palavras que jamais serão apagadas. A vocês, eu agradeço por serem presentes em minha caminhada, na construção não só acadêmica, mas na/para vida.

Enegrecer o mundo, eis nosso motivo.

Enegrecer não como antônimo de embranquecer, portanto,
não para absorver o branco.

Enegrecer, maneira própria de os negros se porem no
mundo ao receberem o mundo em si. Enegrecer, face a face em que
negro e branco se espelham se comunicam, sem deixar de ser cada
um o que é.

(Petronilha Beatriz Gonçalves Silva, 1987 p.147)

RESUMO

A escola/creche atua na Educação Infantil como o primeiro espaço social das crianças negras fora de seu convívio familiar. Espaço este, em que a formação da identidade negra poder ser (des)construída, uma vez que as práticas pedagógicas podem reforçar os estereótipos que inferiorizam o povo negro. Assim, as literaturas permeiam as salas de aulas por vezes, através dos “clássicos” literários com as representações sobre os personagens negros, fora dos “padrões” de beleza considerados como aceitáveis socialmente, tendo o seu corpo e cabelos negados. Partindo das literaturas, indagamos a quais representações literárias se tornam frequentes nas histórias trabalhadas e de como as mesmas, contribuem para a construção e valorização da identidade negra das crianças. Desta forma, apresentamos a Literatura Afro-brasileira e suas contribuições para a desconstrução dos estereótipos na Educação Infantil, utilizando assim, a literatura *As Tranças de Bintou*, de Sylviane A. Diouf (2010), e seus personagens na construção positiva da identidade negra das crianças. Enfatizando a Lei 10.639/03 e a sua aplicabilidade em sala de aula através da literatura afro-brasileira.

Palavras-chave: Educação Infantil; Personagens negros; Literatura Afro-brasileira; Identidade negra.

ABSTRACT

The school / nursery operates in Early Childhood Education as the first social space of black children outside of their family life. This space, in which the formation of the black identity can be (un) constructed, since the pedagogical practices can reinforce the stereotypes that inferiorize the black people. Thus, literatures permeate classrooms sometimes through literary "classics" with representations of black characters, out of "standards" of beauty considered socially acceptable, having their body and hair denied. Starting from the literatures, we ask to which literary representations they become frequent in the histories worked and of how they contribute to the construction and valorization of the black identity of the children. In this way, we present Afro-Brazilian Literature and its contributions to the deconstruction of stereotypes in Early Childhood Education, thus using the literature *The Braids of Bintou*, by Sylviane A. Diouf (2010), and their characters in the positive construction of the black identity of children. Emphasizing Law 10.639 / 03 and its applicability in the classroom through Afro-Brazilian literature.

Keywords: Infant Education; Black characters; Afro-Brazilian Literature; Black identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. ERA UMA VEZ... A LITERATURA INFANTO-JUVENIL, SUAS REPRESENTAÇÕES E SEU USO EM SALA DE AULA.....	14
2.1- UMA BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL.....	18
2.2- A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL E A REPRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS NEGROS.....	20
3. LEI 10.639/03: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO ÉTNICO-RACIAL E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
3.1- A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E O PAPEL DA ESCOLA E DOS/AS PROFESSORES/AS NESTA CONSTRUÇÃO.....	29
4- A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA NA OBRA: AS TRANÇAS DE BINTOU.....	34
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6- REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

‘A grande tarefa no campo da educação’ há de ser a busca de ‘caminhos e métodos para rever o que se ensina e como se ensinam, nas escolas públicas e privadas, as questões que dizem respeito ao mundo da comunidade negra. A educação é um campo com sequelas profundas de racismo, para não dizer o veículo de comunicação da ideologia branca. (ROCHA, 1998, p.56 apud SILVA, 2005, p.157)

Este trabalho buscou analisar a representação da personagem negra na literatura infanto-juvenil na temática: afro-brasileira e os processos de construção da identidade negra de forma positiva, no espaço da educação infantil. Sabemos que no universo infantil, os/as educadores/as a fim de estimular a imaginação das crianças, utilizam da literatura para aguçar o imaginário das crianças. A literatura desperta a criatividade, emoções, sentimentos levando-os a se sentirem nas narrativas contadas.

A escola enquanto espaço de socialização, desenvolvimento cognitivo e afetivo, deve apresentar reflexões frente às questões étnico-raciais. O espaço da educação infantil se faz importante, uma vez que essa etapa é permeada por histórias, afetividades e relações que devem ser iguais para todas as crianças. Partindo das representações literárias, aos afetos ofertados as crianças, um beijo, um abraço, representa muito, na relação professor/as aluno/a. Reflexões precisam ser feitas sobre as práticas pedagógicas e a afetividade.

O uso da literatura em sala necessita de reflexões, uma vez que podem está carregada de estereótipos europeizados, propagando no imaginário as representações dos “ideais” a serem aceitos pela sociedade.

Quantas vezes em nossa infância, folheamos livros e com os olhos ativos e curiosos nos deparamos com personagens de estéticas diferentes das nossas? Enquanto mulher negra, as “princesas” que me foram apresentadas carregavam traços europeus, que fugia da realidade da minha identidade e das crianças em minha volta.

A discussão dos estereótipos e das questões do racismo, deve se fazer presente nas aulas e não serem silenciadas. Vivenciamos o momento das questões étnico-raciais e a aplicabilidade de práticas positivas que apresentem culturas e identidades diversas, fugindo da visão eurocêntrica, e que possibilite aos/as alunos/as a diversidade cultural e a construção da identidade negra.

A obrigatoriedade da inclusão da história e da cultura afro-brasileira e africana, aponta para as possibilidade de se (re)pensar as práticas pedagógicas e os materiais utilizados

em sala. Uma vez, que o espaço escolar está para além de conteúdos e componentes curriculares é neste local que ocorre a (des) construção da identidade negra, partindo das relações que se tem com os grupos de interação, se a escola silenciar frente a preconceitos e discursos de discriminação, levará a autonegação de corpos e identidades.

O presente trabalho tem como objetivo, analisar a literatura infanto-juvenil: As Tranças de Bintou (2010), de Sylviane A. Diouf e a importância da representação da personagem negra na educação infantil. Bintou, uma menina africana, representada de maneira positiva, se questiona em relação a seus biotes, pois, as meninas mais velhas de sua aldeia usam tranças cheias de enfeites. A avó de Bintou irá através da transmissão oral, explicar a menina à passagem da infância para a adolescência, através dos penteados dos cabelos em sua aldeia. A avó representa o respeito à ancestralidade africana, pois os mais velhos guardam o conhecimento, por terem vivido mais. Quantas meninas “Bintou” têm em nossas salas de aula? Quantas procuram compreender a estética de seus cabelos?

Assim, pretendemos utilizar a literatura e a sua representação como forma positiva para/na construção da identidade negra e da auto-estima das crianças, procurando assim, valorizar a cultura e os aspectos corporais, sociais e históricos. De acordo com Santana (2006),

Falar em auto-estima das crianças significa compreender a singularidade de cada uma em seus aspectos corporais, culturais, étnico-raciais. As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Dependendo da forma como é entendida e tratada a questão da diversidade étnico-racial, as instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou pelo contrário, favorecer a discriminação quando silenciam diante da diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva ou quando silenciam diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras. (SANTANA, 2006, p 46).

E portanto, na elaboração desta proposta que lançamos a literatura como um meio na/para construção positiva da identidade negra dos/as alunos/as. A identidade é construída a partir dos olhares dos grupos externos e dos de convívio afetivo, uma vez que a construção da identidade não ocorre de modo isolado. Abordamos assim, a literatura junto com o espaço escolar a fim de possibilitarmos reflexões sobre o conhecimento e valorização da representatividade de modo positivo, enfatizando a construção das identidades através do conhecimento cultural e histórico e a importância das crianças negras e brancas conhecerem as diversidades culturais.

O tema proposto, foi pensado a partir da educação infantil de seus afetos e práticas, procuramos oferecer uma proposta para se trabalhar as questões étnico-raciais. Trazendo

assim, a voz do Movimento Negro, e o espaço para se falar e trabalhar as políticas públicas para a igualdade racial, através da construção positiva da identidade negra, ofertando o trabalho com os bens simbólicos que quando não incluídos ao universo das crianças poderá causar negação de sua identidade. Segundo Dias (2015, p.03), “... A falta dos bens simbólicos faz com que o sujeito, em contato com os elementos da negritude, negue-se como uma possibilidade de ser e estar no mundo. Negue, por tanto, sua humanidade.” (DIAS, 2015, p.03).

Falar em literatura infanto-juvenil e negritude em meio a sua valorização, nos fez percorrer brevemente o contexto literário de seu surgimento a fim de compreendermos as influências e representações europeias presentes nas histórias infantis, que propagam imagens e representações europeizadas presentes nos livros didáticos e paradidáticos. Qual o lugar dos personagens negros no contexto literário brasileiro? A literatura afro-brasileira e africana nos possibilita a representação positiva dos personagens negros na/para a construção de identidades. Precisamos refletir sobre as literaturas que adentram as salas de aula e se elas (des)constróem as identidades de nossas crianças.

Destacamos o Movimento Negro e sua luta por uma educação antirracista, que da voz a história do povo negro, então silenciado pela escrita da história “oficial.” Falar em identidade negra e trazer a história do povo negro se faz importante para todas as crianças. De acordo com Munanga (2005),

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2005, p. 18).

Assim, trabalhar com a temática étnicorracial no espaço da educação infantil, através da literatura afro-brasileira e africana se faz fundamental para as crianças, uma vez que se possibilitará a autoestima, a construção de identidade positiva negra e o reconhecimento e valorização de sua história. Desta forma, a escrita deste trabalho ocorreu através da Literatura afro-brasileira e de suas representações positivas da identidade negra e da cultura afro-brasileira e africana no espaço da educação infantil, possibilitando a construção positiva da identidade negra das crianças. No capítulo 1, apresentamos a Literatura infanto-juvenil e o

espaço dado à mesma em sala de aula. Questionamos as representações que por vezes adentram em sala de aula e os padrões retransmitidos através de seus personagens. No capítulo 2, percorremos brevemente a história do surgimento da Literatura Infantil em seu contexto histórico e as representações dos personagens negros na literatura no Brasil.

No capítulo 3, abordamos a Lei 10.639/03 e a importância do trabalho étnicorracial no espaço da educação infantil. Espaço este, palco das reivindicações das mulheres negras e de lutas sociais para a sua ampliação. Assim, nesse capítulo apresentamos o espaço da educação infantil e as práticas promotoras de igualdades raciais representações literárias e o cuidado com as crianças para/na construção da identidade negra positiva. No capítulo 3, trazemos a obra de Silvyane A. Diouf, *As Tranças de Bintou*(2010) e as representações dos personagens negros presentes na obra, descritos de forma positiva e com o enredo de curiosidade e descoberta da menina Bintou sobre o seu penteado, que a permitirá conhecer a história de seu povo através da sua avó Soukeye que transmitirá a história através da oralidade.

2. ERA UMA VEZ... A LITERATURA INFANTO-JUVENIL, SUAS REPRESENTAÇÕES E SEU USO EM SALA DE AULA

Mas na verdade, o que se gostaria de ter é uma outra visão de mundo, não apenas apregoada, mas também agida, desbaratando, pelo menos ao nível simbólico, as relações habituais de dominação e subordinação. No caso específico da literatura infanto-juvenil, essa nova relação adulto/criança deveria levar, simultaneamente, à eliminação da estrutura didática e à busca de formas de expressão igualitárias. (Fúlvia Rosemberg apud CARMO; MACIEL, 2013, p. 01)

A Literatura Infanto-Juvenil atua no espaço escolar, como a “ferramenta” de despertar nas crianças o gosto pela leitura, curiosidade e imaginação. Aguçando, a fantasia e a criatividade no desenvolvimento das mesmas. Em sala de aula, a literatura é utilizada como uma aliada no processo ensino-aprendizagem, proporcionando que se formem cidadãos leitores que não apenas conheçam as letras, mas, que saibam pensar e agir criticamente através de histórias que os permitam se reconhecerem enquanto sujeitos históricos.

A leitura que se busca no momento atual, é o despertar nos/as alunos/as a possibilidade de reconhecimento e respeito as diversidades. Assim, a literatura vai além da

“utilidade” de conhecer letras e sílabas, mas permitir aos/as mesmos/as a construção de imagens positivas e de valorização quanto ao seu pertencimento étnico-racial.

Muito se tem questionado nas práticas pedagógicas, sobre o uso das literaturas infanto-juvenis, selecionadas para o trabalho em sala de aula. Qual o espaço para as literaturas afro-brasileiras em aula? Quantas obras abordam a diversidade histórica e cultural que constituem a formação brasileira? Quais são os estereótipos representados nas obras? Como são representadas as personagens negras?

Precisamos questionar as literaturas que são levadas para as salas de aula. Como ocorrem as práticas pedagógicas desenvolvidas em aula? As mesmas possibilitam a inclusão ou exclusão de nossos/as alunos/as? Segundo Gomes Júnior (2016, p.02),

Muito se tem discutido ao longo da prática pedagógica sobre a qualidade da literatura infantil que é utilizada pelos professores, principalmente nas séries iniciais. Por que, diversos são os fatores que podem contribuir para o não reconhecimento e a valorização étnica de uma criança, dentre os quais pudemos ressaltar a falta de formalização de personagens negros nas literaturas enquanto protagonista. E quando a encontramos, retratam a questão étnica de forma depauperada. Com esta ausência de personagens negros nas literaturas infantis pode elevar a criança afro-brasileira a negarem a sua identidade. (GOMES JÚNIOR, 2016, p.02)

Na educação infantil, a contação de história se faz presente na rotina das crianças, uma vez que é através da oralidade que as mesmas iniciam seu processo de contato com o universo literário. Através das histórias, as crianças mantêm o primeiro contato com a literatura e é o adulto o elo que liga as crianças ao mundo da imaginação. Antes, as histórias eram contadas nos terreiros das casas, que possibilitavam o encontro ativo dos olhinhos repletos de curiosidade em volta dos avôs, que (re)transmitiam a cultura e a história de seu povo, assim como na cultura africana, que tem em seus ancestrais a imagem do guardião do conhecimento e da história de seu povo.

Hoje, não temos, mas o espaço do terreiro em nossa cultura, e em algumas famílias, os avôs não possuem esse lugar de poder contar histórias e embalar seu/as netos/as. Os trançados dos cabelos que as avós ensinavam e contavam suas narrativas, por vezes não acontece.

Desta forma, o espaço escolar através dos/as professores/as possibilita a releitura desse espaço para o contato das crianças com as histórias, trabalhando com a diversidade de

nosso povo e possibilitando a visibilidade das crianças negras, que ficaram a margem das narrativas de destaque literário.

Mas, afinal, quais são os livros expostos nas estantes das escolas? Qual o padrão de “beleza” representado por seus personagens, nas obras trabalhadas em sala? Qual o papel da escola e dos/as professores/as na construção da identidade negra de seus alunos/as? Assim, as literaturas atuam para além da formação de leitores, mas possibilitam aos/as alunos/as reconhecerem-se em meio às histórias e de maneira positiva, construírem a sua identidade e conhecerem a história de seu povo e de sua formação cultural.

Os olhares europeus, através de seus contos e representações, formaram as nossas histórias e entraram na imaginação das crianças (essa representação, ainda se faz presente no universo imaginário das crianças?), na construção do modelo do “belo”, “bom” e “ruim”, com seus personagens e padrões eurocêntricos, representados nas narrativas e ilustrações literárias.

A cor negra através de seus personagens quando aparece nas histórias, associa o fenótipo negro, aos personagens maus, de personalidades perversas, atribuindo-os, os comportamentos que não se devem praticar. Desenvolvendo nas crianças, a negação a sua identidade e a tentativa de se assemelhar aos personagens “bons e belos”. Construções estas, que são internalizadas, partindo para a auto-rejeição de sua identidade étnica. Segundo Ana Célia da Silva (2005), “A criança que internaliza essa representação negativa tende a não gostar de si próprio e dos outros que se lhe assemelham.” (SILVA, 2005, p.29)

Qual o olhar e o sentimento de uma criança negra ao não se ver nas histórias infantis e nas representações dos personagens? Por que o cabelo da princesa nunca se assemelha com o das meninas negras? Ou, porque o príncipe ou o rei não tem os mesmos traços que os meninos negros? De acordo com Inaldete Pinheiro de Andrade (2005),

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático... esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana... (ANDRADE, 2005, p.122)

Vivemos em meio ao mito da democracia racial, onde se passa a ideia de que todos possuem as mesmas possibilidades sociais, mas que conscientes ou inconscientemente, trazemos em nossa educação eurocêntrica, as representações de povos “superiores” e “inferiores”. Representações estas, que adentram em nosso meio, através das “piadas”,

“brincadeiras”, músicas, literatura e novelas, que colocam a população negra, em papéis de inferioridade, sendo estas (re)transmitidas pela mídia e seus discursos que “determinam” quais os espaços de atuações dos povos negros na sociedade.

Os preconceitos que rondam nosso meio social adentram nas salas de aula, através dos materiais didáticos. Assim, os materiais precisam ser problematizados. De acordo com Munanga (2005, p.17),

...sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmo conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar... (MUNANGA, 2005, p.17)

É necessário que além dos materiais didáticos haja uma análise nos elementos de reprodução do racismo, que está na sala de aula, sendo (re)passada nas práticas pedagógicas, representando de forma negativa, o povo negro, desde o período colonial, enquanto escravizados. Conforme descreveu Azoilda Loretto da Trindade (2013), Músicas infantis, como por exemplo, “Escravos de Jó” que embora pertencendo ao nosso imaginário social, à nossa memória afetiva, trazem no seu bojo a naturalização da condição de escravo que no caso do Brasil, é tido como sinônimo de negro. (TRINDADE, 2013, p.82).

Desta forma, ao trabalharmos com as literaturas afro-brasileiras, estamos dando visibilidade às crianças negras que em seu processo de formação identitária, na Educação Infantil, não se veem representadas nos clássicos literários, utilizados por muitos/as professores/as em aula. Segundo Gomes Júnior (2016),

É importante compreendermos que a construção da identidade da criança passa inevitavelmente por referenciais apresentadas a ela, principalmente no que se diz respeito à afirmação da criança negra no âmbito escolar. Sobretudo, através dos livros de literatura infantil que trazem personagens negros como protagonistas, resgatando e valorizando a identidade étnica da criança. (GOMES, JÚNIOR, 2016, p.02)

Assim, voltaremos o nosso trabalho para a representação dos personagens negros na obra: As Tranças de Bintou de Silvine A. Diouf e sua importância para/na construção da identidade negra na Educação Infantil.

Antes de nos voltarmos a nossa análise, convidamos para a leitura da história do que hoje conhecemos como a Literatura Infanto-juvenil, suas origens e tendências, e assim, no

tecer de sua história, compreendermos as influências europeias sofridas em nossa literatura. Através do contexto histórico em que as mesmas foram iniciadas e de como as instituições de poder (escola e família) foram aliadas para o processo de formação das crianças e jovens de maneira moralizante, para a construção de padrões sociais, que pudessem ser reproduzidos pelas crianças. Tecendo o papel do espaço escolar e de seus livros para a reprodução de modelos sociais, transmitidos às crianças.

2.1 UMA BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

Os textos da literatura infantil pautam-se pelo resgate da oralidade na escritura, bebendo na fonte originária do ato de narrar. (OLIVEIRA; PALO, 2006, p.37)

A história da literatura infantil está ligada a construção do conceito de infância. Mediante as transformações sociais ocorridas na Europa, no século XVIII, com a ascensão da nova classe social- a burguesia, o olhar sobre as crianças é modificado. E as crianças no Brasil, como eram tratadas? Quais eram os olhares da sociedade, em relação às crianças negras? Segundo Freire (2012),

O surgimento da literatura infantil ocorreu simultaneamente na França e na Inglaterra, mas foi esta última sua grande difusora. A Inglaterra passou por transformações econômicas, políticas e sociais, que consolidou a desagregação das formas sociais da Idade Média, adentrando na era da industrialização, do capitalismo e do nascimento e ascensão da burguesia. A classe burguesa teve papel importante na mudança de visão em relação à criança: primeiro por seu sentido de família, no qual a criança ganha espaço, passando a membro efetivo do núcleo familiar; segundo porque a literatura infantil reproduzia o ideário burguês, sem desprender do tradicional e do passado; e terceiro porque a literatura infantil se consolidou como grande fonte de renda, sendo o seu consumo restrito aos que tinham disponibilidade de tempo e dinheiro para comprá-la. (FREIRE, 2012, p. 22)

Durante a Idade Média as crianças eram vistas como adultos em miniaturas, de acordo com Ariés (1981),

As crianças não eram valorizadas, o sentimento em relação a elas era que nada tinham de valor, eram apenas crianças'. Devido a isso, a mortalidade infantil era muito grande e a despreocupação com tal fato também, sentimentos compartilhado até mesmo pelos próprios familiares, demonstrando a não valorização da criança como ser humano: era como se não tivesse alma [...]. (ARIÉS, 1981, p.61, apud FREIRE, p.21).

Se antes as crianças eram vistas pela sociedade como adultos, com o fortalecimento da burguesia e o seu olhar sobre as mesmas, o seu lugar na sociedade passa por ressignificações, necessitando de preparação para a vida adulta. Segundo Jovino, Lima e Souza (2006),

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação ‘especial’ que a preparasse para a vida adulta. (JOVINO; LIMA; SOUZA, 2006, p.183)

No século XVII, os manuscritos voltados para a educação infantil referiam-se aos textos religiosos de cunho pedagógicos. Mediante a necessidade de formação para a vida adulta, a burguesia ascende às instituições de poder: família e escola, para atuarem no processo de educação das crianças. Adaptações dos contos populares são realizadas pelo francês Charles Perrault, considerado como o iniciador da literatura destinada ao público infantil, desenvolvendo nas adaptações valores sociais estabelecidos pela burguesia, “(...) No século XVII, Perrault coleta narrativas populares e lendas da Idade Média e adapta-as, atribuindo-lhes valores comportamentais da classe burguesa, constituindo os chamados contos de fadas. (CADEMARTORI, 1986 apud ALVES et al.2013, p.03)

Assim, de início as adaptações de Perrault, não se voltavam para a escrita destinada às crianças e jovens. A partir da publicação do Conto da Mamãe Gansa (1697), a escrita de Perrault destina-se ao público infantil. Esses contos continham as histórias: A bela adormecida, Chapeuzinho vermelho, o pequeno polegar, entre outros contos.

Além de Perrault, os irmãos Jacob Grimm e Wilhelm Grimm, no século XIX, realizaram na Alemanha a coleta dos contos transmitidos através da oralidade pelos camponeses e os transformaram em literatura. Esses contos foram traduzidos e espalhados, dentre eles, podemos destacar as traduções portuguesas: a Branca de Neve e os sete anões, entre outros presentes, em nosso universo literário.

Outros nomes surgem em meio aos contos e as traduções de importância na origem da literatura. Segundo Cademartori (1986 apud ALVES et al,2013,p.05), o dinamarquês Hans Christian Andersen(o patinho feio, o soldadinho de chumbo), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carrol (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz), o escocês James Barrie (Peter Pan).Contos estes, que permeiam o nosso imaginário, sendo o nosso primeiro contato com o universo da literatura.

“Moral da história”: nossos clássicos infantis são permeados por padrões europeus, por representações, ambientes, culturas que fogem de nossa realidade. Histórias que ao final, repassam lições de morais, sofrendo punições, aqueles/as que fugirem das normas sociais, não podendo ter o seu final “feliz”. Representações que permeiam o nosso imaginário infantil,

construindo padrões aceitáveis para a sociedade, determinando ao universo feminino com suas princesas os finais “felizes” através do casamento e de seu conceito de beleza, formando um padrão normativo de beleza, estabelecendo desta forma, um padrão identitário.

2.2 A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL E A REPRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS NEGROS

A literatura infantil no Brasil começa a ser utilizada com fins educacionais, partindo das adaptações e traduções dos clássicos europeus: contos de Perrault, Irmãos Grimm e Andersen, sendo estes traduzidos por Alberto Figueiredo Pimentel com finalidades moralizantes, destinadas a educação de jovens e crianças segundo os anseios da sociedade. Segundo Lajolo e Zilberman (2007, p.21),

Se a literatura infantil europeia teve seu início às esperas do século XVIII, quando em 1697, Charles Perrault publicou os célebres Contos da Mamãe Gansa, a literatura infantil brasileira só veio a surgir muito tempo depois, quase no século XX, muito embora ao longo do **Século XIX** reponte aparecimento de uma ou outra obra destinada a crianças. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.21, grifo dos autores)

Podemos falar em literatura infantil no Brasil, após a implantação da Imprensa Régia em, 1808, com a chegada de D. João VI. As obras lidas eram traduções portuguesas e suas publicações ocorriam de maneiras esporádicas, para a produção literária no país. De acordo com Lajolo e Zilberman (2007, p.21),

[...] a tradução de As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen, e, em 1818, a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, Leitura para meninos, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. Mas essas publicações eram esporádicas (a obra que se seguiu a elas só surgiu em 1848, outra edição das Aventuras do Barão de Münchhausen, agora com a chancela da Laemmert) e, portanto, insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.21)

Assim como na Europa, a literatura infantil no Brasil tem seu desenvolver no período de mudanças sociais, econômicas e políticas, iniciando tardiamente com a Proclamação da República, que segundo Lajolo e Zilberman (2007), a República chegava trazendo consigo a imagem que o Brasil ambicionava... um país em franca modernização.(p.22)

Em meio às mudanças de urbanização entre o fim do século XIX e o começo do XX, a literatura infantil ganha espaço para a sua produção e divulgação. Em 1905, é publicada a

Revista infantil o “Tico-Tico”, buscando a propagação da nova ordem econômica de estimular o consumo dos produtos da indústria cultural e tendo os seus personagens importantes na construção da imaginação infantil, “...O sucesso do lançamento, a longa permanência da revista no cenário editorial... tudo isso referenda que o Brasil do começo do século, nos centros maiores, já se habilitava ao consumo de produtos da chamada indústria cultural”. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.23).

A escola ganha espaço para a formação das crianças referentes aos valores sociais. Para tanto, buscou-se a produção de materiais didáticos. Afirmando Lajolo e Zilberman (2007),

[...] como é a instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive a produção de bens culturais, é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil.(LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.23)

Por considerar as obras de origem europeia, e querendo desenvolver histórias dentro do contexto nacional, Monteiro Lobato, em 1920, com a escrita da obra: A menina do nariz arrebitado inicia a escrita da literatura infantil no Brasil, com características regionalistas. De acordo com Castilho (2004),

No Brasil, Monteiro Lobato foi o precursor da Literatura Infanto-Juvenil. Foi um escritor brilhante que emocionou gerações. Inovou em suas narrativas dando às crianças iniciativas criadoras, irreverência, amor, compromisso, com a invenção e com a liberdade, direito ao questionamento, revelou suas inquietações, enfim, humanizou as crianças através dos personagens (Emília, Pedrinho, Narizinho) e levou ao conhecimento das crianças uma visão política do Brasil. (CASTILHO, 2004b, p.41 apud SILVA; SILVA, 2011, p.06)

Todavia, Monteiro Lobato é apresentado por pesquisadores, como propagador de personagens negros estereotipados, sem cultura e com traços desumanos, através das ilustrações de seus personagens relacionando suas características a animais. Tia Nastácia, personagem da obra O Sítio do Pica Pau Amarelo, é descrita como a “negra de estimação”, e seus traços físicos são colocados de maneira depreciativa, sendo apresentada como analfabeta e contadora de histórias (transmissão oral), tendo a cozinha como o seu ambiente de trabalho e as histórias por ela contadas, não são aceitas, por não fazerem parte dos contos europeus.

De acordo com Jovino; Lima e Souza (2006), os personagens negros aparecem nas histórias a partir do final da década de 20 e início da década de 30 no século XX, com o

contexto histórico de sociedade, recém-saída da escravidão, “Os personagens negros não sabiam ler e nem escrever, apenas repetiam o que ouviam, ou seja, não possuíam o conhecimento considerado erudito e eram representados de um modo estereotipado e depreciativo.” (JOVINO, I.S et al, 2006, p.189). A representação das personagens femininas voltava-se para o espaço da cozinha, tendo como papel de “servir” aos brancos. Quantas representações femininas negras se fazem presentes nas histórias que nos foram repassadas? Jovino; Lima e Souza (2006) nos dizem,

Na maioria dos textos infantis até a década de 30, a personagem feminina negra é invariavelmente representada como a empregada doméstica, retratada com um lenço na cabeça, um avental cobrindo o corpo gordo: a eterna cozinheira e babá. Como empregada de uma família branca, passa a maior parte do tempo confinada em uma cozinha. Certamente, aqui, podemos nos lembrar da Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato. (JOVINO I.S et al 2006, p.190)

Segundo Andréia Lisboa de Sousa (2005) a partir de 1975, surge a Literatura Infanto-Juvenil, preocupada com uma representação que abordasse temas como o preconceito e a discriminação racial. Todavia, as escritas não deixaram de ser preconceituosas, “Por exemplo, a obra *E agora?*, de Odete B. Mott (1974), em que o conflito racial é instaurado pelo ato de a personagem principal Camila, ser filha de pai branco e mãe negra. Ela não aceita sua origem negra, negando a família e a si mesma.”(SOUSA, 2005, p.188).

No final da década de 80, iniciam-se as histórias que representam a personagem feminina na resistência do preconceito racial e na valorização de seu lugar social. A sociedade brasileira adentra nos movimentos sociais, e as suas escritas passam por olhares ativos e militantes de protagonistas sociais, até aquele momento silenciado e inferiorizado, sendo descritos nas literaturas com traços desumanos, relacionados de maneiras pejorativas a animais e a sujeiras. Segundo Andréia Lisboa de Sousa (2005),

[...] os livros passaram a apresentar e enfatizar positivamente aspectos da cultura negra como a capoeira e a mitologia dos orixás. São encontradas situações de reflexão sobre a vida e a imagem da personagem negra feminina de maneira positiva e criativa [...]. Vale ressaltar que o movimento social negro brasileiro- inclui também o movimento de mulheres negras- nas últimas décadas do século do XX e início do XXI tem desempenhado um papel preponderante nessa tendência de transformação positiva da personagem feminina negra, por meio de suas denúncias e reivindicações [...]. (SOUSA, 2005, p.199-200)

Nas escritas atuais, as representações rompem com as imagens propagadas anteriormente, e apresentam os/as personagens negros/as de maneira positiva, mostrando à cultura, a África, a estética, a religião, a ancestralidade e o conhecimento de seu povo e de sua

história com orgulho. Rompendo assim, com os lugares de inferioridade e invisibilidade, que quando representados, reforçava-se os estereótipos sobre seus corpos, tradições, conhecimentos e a tradição oral, anteriormente desconsiderada por não ser vista como a educação formal, além de dar espaço a figura feminina e seu conhecimento, as mães e as avós que na luta do dia a dia, (re)transmitem o seu conhecimento. Desta forma, a literatura afro-brasileira, tece a imagem positiva dos/as personagens negros/as, na construção da identidade negra das crianças.

Torna-se importante que a escola, saiba escolher seus materiais didáticos e paradidáticos, uma vez que se fale no espaço escolar sobre a temática étnico-racial, construindo a identidade negra dos/as alunos/as e valorizando a sua ancestralidade, estética e cultura, trazendo assim, práticas pedagógicas promotoras de igualdade racial.

3. LEI 10.69/03: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO ÉTNICO-RACIAL E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é compreendida como a primeira etapa da educação básica, oferecendo espaço para crianças de 0 a 5 anos de idade, nos quais possam desenvolver as emoções, afetividade, interação social e cognitiva de maneiras significativas, tanto nos estabelecimentos públicos, quanto nas instituições privadas, que atuam na educação e no cuidado com as crianças. Assim, nos afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p.12),

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade [...] É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção. (BRASIL, MEC, 2010, p. 12)

Sendo dever do Estado, assegurar ofertas na Educação Infantil e qualidades em seu ensino, necessitamos enfatizar a luta dos movimentos sociais para garantir esse espaço como direito de todos sem distinção de classe social. Assim, esse espaço foi conquistado através de reivindicações e movimentações sociais, através da entrada das mulheres no mercado de trabalho e reivindicações de ampliação das ofertas para a educação infantil.

Se o Estado tráz em seu discurso a oferta do ensino com qualidade, enfatizaremos que o processo de educação brasileira ocorreu de maneira diferenciada, aos quais, as crianças negras e de classes pobres recebiam olhares e espaços sociais diferenciados. A educação das crianças brancas ocorria dentro das casas (meninas) relacionado ao cuidado com a casa e com o outro. Aos meninos, um ensino voltado para as letras. Como nos afirma Santana (2006),

É importante considerar que os direitos a que nos referimos são resultantes de longo processo histórico e social de mais de quatro séculos. No período colonial, a educação das crianças se dava principalmente em âmbito privado nas casas e em instituições religiosas. As crianças abandonadas eram encaminhadas para a roda dos expostos e acolhidas por instituições de caridade. Essas crianças eram, em sua maioria, pobres, bastardas. A roda foi utilizada pelas mulheres escravizadas como meio de livrar suas crianças do cativeiro ou então pelos senhores que pretendiam se isentar das responsabilidades e encargos da criação dos filhos (as) de suas escravas [...]. (BRASIL, MEC, 2006, p.33)

Qual o espaço de formação educacional para as crianças negras e pobres? Quais condições foram ofertadas a população negra no contexto educacional brasileiro? O que hoje trazemos em nossa escrita, sobre a Educação Infantil, as crianças negras e o reconhecimento de sua história, resulta de lutas do Movimento Negro, que visibiliza o espaço da educação para as crianças negras.

Os movimentos das mulheres deram voz à reivindicação por ampliação da educação infantil. As instituições assistencialistas viam na educação infantil um espaço para cuidado, não visibilizando a diversidade das crianças, ficando sem espaço nas instituições as questões de socialização e cultura das crianças. Uma vez, que a entrada das mulheres no mercado de trabalho em lugares visto para o “masculino”, fez com que com o discurso da sociedade as colocassem como “fora de seu lugar social”, pois se “entendia” que cabia às mulheres o papel de educar as crianças. Mas, o movimento das mulheres ganhou força e espaço na luta por educação. Assim, afirma Patrícia Maria de Souza Santana (2006),

O período de 1970 a 1990 do mesmo século representou avanços na perspectiva dos direitos das crianças. É na década de 1970, em meio à efervescência dos movimentos sociais e o clamor pela liberdade e garantia de direitos, que manifestações por esses direitos tomam força. Não sem razão, diversos movimentos de mulheres surgem neste período, em uma conjuntura na qual a dinâmica dos movimentos sociais trazem à cena novos personagens (SADER, 1988) reivindicando não só mudanças nas relações de trabalho, mas melhores condições de vida (saneamento básico, transporte coletivo, habitação, educação), entre eles, os movimentos populares de luta por creches, exigindo do Estado a criação de redes públicas de Educação Infantil. Destaca-se nesse período, para além do movimento de mulheres por creches e pré-escolas, o movimento negro criticando o modelo de escola que desconsiderava o patrimônio histórico cultural da população negra, além de denunciar o racismo existente nas escolas, o que contribuía para a evasão e o

fracasso escolar das crianças negras (MELO E COELHO, 1988). (BRASIL, MEC, 2006, p.35).

Partindo das reivindicações dos movimentos sociais, na segunda década de 1980, a infância ganha espaço nas discussões do estado, mediante o debate pela Assembleia Nacional Constituinte. Como afirma As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010),

O atendimento em creches e pré-escolas como direito social das crianças se afirma na Constituição de 1988, com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado com a Educação. O processo que resultou nessa conquista teve ampla participação dos movimentos comunitários, dos movimentos de mulheres, dos movimentos de trabalhadores, dos movimentos de redemocratização do país, além evidentemente das lutas dos próprios profissionais da educação. (BRASIL, MEC, 2010, p.07)

Assim, a Educação Infantil, instituiu-se mediante a luta dos movimentos que a reivindicou, uma educação igualitária e com ampliação em sua oferta. Mas, o que vemos em nossa realidade é a falta de vagas, filas de espera para que pais consigam incluir as crianças neste espaço que nos são garantidos por lei e considerados como dever do Estado a sua oferta. Muito se conquistou, mas a luta persiste, temos um caminho a percorrer em meio a busca de efetivação dos direitos de nossas crianças.

No percurso histórico relativo às crianças, o Brasil muito deve as nossas crianças negras, uma vez que as mesmas foram colocadas em locais subalternizados. No contexto do Brasil escravista, as crianças negras inseriam-se no trabalho escravo junto aos adultos, as brincadeiras quando ocorriam junto às crianças brancas, dava-se por meio da obrigação em “entreter”, e nas mesmas os espaços sociais entre as crianças eram definidos. Assim nos diz Grinberg (2012),

[...] no tempo em que havia crianças livres e crianças escravas, as escravas, às vezes, brincando com as livres- nem sempre porque queriam, mas porque eram obrigadas. Era o trabalho delas: isso acontecia em muitas fazendas de açúcar e de café. Para os sinhozinhos não ficarem sozinhos com seus cavalinhos e suas bonecas, lá iam os pequenos escravos brincar com eles. E vocês imaginam de quê? De senhor e escravo, claro! [...]. (GRINBERG, 2012, n.p. apud FONSECA, 2016, p.77-78).

Desta forma, o reconhecimento da Educação Infantil como espaço para todas as crianças como um meio igualitário e de diversidade cultural, permite que todas as crianças possam interagir e através de práticas pedagógicas positivas, quebrar com os estereótipos presentes no imaginário social acerca da população negra.

Que se efetive a oferta da Educação Infantil, que todas as crianças possam ter acesso ao espaço garantido por lei, uma vez que pesquisas apontam as desigualdades de acesso nesse nível de ensino, como nos afirma o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História Afro-brasileira e Africana (2013),

Em 2006, segundo os dados estatísticos, apenas 13,8% das crianças declaradas como negras estavam matriculadas em creches; entre as crianças brancas esse número é igual a 17,6%. Na pré-escola, a diferença é menor, mas da mesma forma desigual: na população infantil branca 65,3% estão matriculados na pré-escola, enquanto na população infantil negra esse número representa 60,6% do total da população infantil. Esses números revelam o tamanho dos desafios que se apresentam para a Política de Educação Infantil no que se refere à educação das relações Etnicorraciais. (BRASIL, MEC, 2013, p. 49).

Em relação às medidas do Estado, referentes ao espaço da Educação Infantil enquanto local de diversidade e construção de si e do outro, propostas são lançadas em parceria com grupos que dão voz a luta e ao reconhecimento identitário das crianças. Por ser entendido como um espaço de interação social, a educação infantil, necessita de profissionais que trabalhem com questões positivas sobre a identidade dos/as alunos/as negros/as, uma vez que é neste espaço que o contato com o outro acontece e se faz importante que sejam desenvolvidas atividades significativas para as crianças. Segundo o RCNEI (1998),

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentem, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação. (BRASIL, 1998, p.23).

O espaço destinado às creches e pré-escola torna-se importante para o desenvolvimento das crianças, uma vez que a escola faz parte dos grupos que possibilitam as crianças a (des)construção de suas identidades étnicas. É na interação com o outro, com o contato, afeto, relação de cuidado, relação criança e criança/ adulto e criança que as identidades das mesmas podem ser (des)construídas.

A escola é um espaço por onde se transita a discriminação e o preconceito racial, presente em nossa sociedade e adentra em nosso espaço escolar. Assim, se faz necessário a formação inicial e continuada dos/as professores/as para preparar cidadãos que lutem contra o preconceito. Professores/as que não silenciam em meio às “brincadeiras” ou comentários preconceituosos, mas que saibam fazer de sua prática pedagógica, um instrumento para se trabalhar a diversidade, oferecendo uma educação antirracista que proporcione igualdade

cultural e social, desconstruindo os preconceitos, racismo e discriminação, presente nos discursos sociais. Assim, nos diz Cavalleiro (2001),

No cotidiano escolar, a educação anti-racista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e idéias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente, etc.) precisam ser duramente criticados e banidos. É um caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é a ferramenta mestra. (CAVALLEIRO, 2001, p.150 apud GODOY; MENDES, 2014, p.365)

Assim, o espaço da educação infantil, precisa construir a diversidade cultural e expor nas suas decorações: brinquedos, repertórios musicais e brincadeiras, a representação de todas as etnias. Observar a afetividade oferecida às crianças, que se faz importante no processo emocional e social das mesmas. O carinho ofertado é igual para todos? As crianças negras por vezes, não recebem por parte de seus/as professores/as o carinho e atenção ofertada para as crianças brancas. Assim afirma o documento História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil (2014), sobre a relação do/a professor/a e o contato com as crianças,

No que tange à educação infantil, pesquisas realizadas a partir da década de 1980 têm demonstrado a existência de comportamentos preconceituosos e de atitudes discriminatórias em relação às crianças pré-escolares e entre elas, além de apontar que o cuidado e a educação destinados às crianças pequenas são desiguais, sendo essas desigualdades relacionadas, em sua maioria, aos seus pertencimentos étnico-raciais. Em se tratando de professores (as) que se ocupam da educação voltada a essa faixa etária, as posturas discriminatórias se evidenciam pela ausência de reconhecimento das diferenças de origem, pelos maus-tratos e principalmente pelo silêncio diante de situações de discriminação vivenciadas pelas crianças negras no espaço escolar. (BRASIL. História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil, 2014, p.07-08).

Mediante as questões que permeiam o espaço educacional e as relações entre o Estado e os movimentos sociais, a educação infantil atua como um espaço em que se deve ocorrer práticas positivas relacionadas às diversidades culturais presente em sala, possibilitando a eliminação do racismo, preconceito e discriminação. Assim, nos diz o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2013),

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a

importância dos diferentes grupos etnicorraciais para a história e a cultura brasileiras. (2013, p.49)

Desta forma, trazemos a importância do trabalho da Literatura afro-brasileira no ensino infantil, uma vez que ao introduzi-las em sala de aula, as professoras possibilitaram o conhecimento das crianças negras de seu povo e permitindo as crianças brancas o reconhecimento e a valorização cultural em nossa formação.

A literatura afro-brasileira contribui para a valorização da história e cultura do povo negro, que através de seu trançar de cabelos, mitologias, religião e cultura, possibilita as crianças negras a construção da imagem positiva de seu pertencimento étnico-racial. Valorizando a cultura afro-brasileira e africana, o espaço escolar, através da literatura possibilita a ampliação das representações raciais, com práticas pedagógicas promotoras de igualdade racial no ensino infantil.

A quebra dos estereótipos racistas, disseminados pelo meio social através dos discursos e das representações (re)transmitidas pelas leituras dos “contos clássicos” ou por histórias que “trilham” a mesma representação do personagem negro partindo do olhar europeu, se faz necessário, uma vez que a literatura afro-brasileira e africana, permite as crianças negras à construção de imagens positivas de sua identidade e as crianças brancas, o conhecimento da diversidade e da cultura africana, possibilitando que não se desenvolva entre os/as alunos/as os conceitos de povos “superiores” e “inferiores”, uma vez que apresentados e trabalhados a cultura africana, as mesmas não internalizaram as representações mostradas nos clássicos da literatura, que permeiam seu universo imaginário.

Pensar em um ensino infantil antirracista que desenvolva práticas igualitárias e reconhecer a importância do trabalho étnico-racial no espaço da sala de aula é permitir que as crianças negras presentes neste espaço se reconheçam e construam a sua imagem e de seus semelhantes de maneira positiva, tendo em suas características o conhecimento da história de seu povo. Segundo Hédio Silva Júnior e Lucimar Rosa Dias (2011),

Durante a educação infantil, as crianças começam a perceber as diferenças e semelhanças entre os participantes de seu grupo, a reconhecer as próprias características e potencialidades e, dependendo dos recursos afetivos e sociais que lhe forem oferecidos, esse processo pode ser mais positivo ou mais negativo para a constituição de sua identidade [...] (DIAS, L.R.; JR.SILVA, H. apud BENTO, 2011, p.20).

Nesta etapa escolar, as crianças já começam a receber informações nas quais os fenótipos são apresentados e desta forma, os conceitos de “feio e belo” através das práticas pedagógicas sejam elas as histórias infantis, já começam a se fazer presentes na formação de identidades, portanto se faz necessário que a educação infantil trabalhe com a diversidade de forma positiva, trazendo a identidade negra de maneira positiva, com representações que estimulem as crianças em sua identificação e reconhecimento identitário. As professoras devem conhecer a obra e fazer perguntas referentes às representações dos personagens negros; espaços sociais que ocupam; relação de aceitação de seu fenótipo; ilustração positiva das características negras. De acordo com Bento e Jr Silva, H.S(2012),

Segundo pesquisas a discriminação e a formação do pensamento racial começam muito cedo, ao contrário do que pensa o senso comum. As crianças percebem as diferenças físicas, principalmente a cor da pele e o tipo de cabelo. Se as crianças negras receberem mensagens positivas de seus atributos físicos e demais potencialidades, aprenderão a se sentir bem consigo. De outro lado, se as crianças brancas aprendem que seus atributos físicos e culturais não são os melhores nem os únicos a ser valorizados, os dois grupos aprenderão a considerar as diferenças como parte da convivência saudável. (BENTO, M.A. S; CARVALHO, S.P; JR SILVA, H.S, 2012, p. 29).

Destacamos a importância do trabalho com a literatura afro-brasileira e o seu uso na educação infantil, a fim de permitir a construção positiva da identidade negra das crianças inserida em aula, a possibilidade das crianças se verem e reconhecerem nas representações com características positivas de sua autoimagem. Segundo Bento (2012),

(...) Identidade racial é entendida como direito e como condição imprescindível para assegurar saúde, bem estar e desenvolvimento pleno de todas as crianças, em particular das negras, e como base imprescindível para uma sociedade que se propaga como igualitária. (BENTO, 2012, p.98).

Sendo direito de trabalhar a identidade das crianças negras, nossa proposta volta-se para a literatura e a representação da personagem negra de forma positiva na/para a construção positiva da identidade negra das crianças.

3.1 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA E O PAPEL DA ESCOLA E DOS/AS PROFESSORES/AS NESTA CONSTRUÇÃO

Ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (Neusa Santos Souza, 1983, p.43)

O processo de construção da identidade ocorre através da socialização entre o eu e o outro, através de gestos, toques e representações. É nas relações de interação que as crianças negras se reconhecem ou negam sua estética, cultura e identidade. A construção da identidade

não acontece no isolamento, mas através das relações com grupos sociais. Como afirma Gomes (2005),

[...] a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, 2005, p. 43).

As práticas pedagógicas aplicadas em aula possibilitarão a aceitação ou negação de sua identidade. Portanto, as educadoras devem repensar as práticas pedagógicas e os espaços ofertados em sala. Qual o lugar de representatividade do povo negro em aula? Pensar a partir das indagações de se construir de forma positiva e significativa a história do povo negro que durante tantos anos foi discriminada e subalternizada. Construindo práticas para a igualdade racial, dando voz as crianças que foram silenciadas pela escrita eurocêntrica.

Falar nas questões da identidade negra, não pode se ater a um único momento letivo, no dia “D”, em que a escola comemora o Dia da Consciência negra, como se esse momento fosse o único a trabalhar a identidades e valorização cultural do povo negro. Enquanto professoras, precisamos falar sobre o racismo, sobre as discriminações e preconceitos, observar as práticas e se as mesmas contribuem para a rejeição dos/as alunos ou aceitação de sua identidade negra. De acordo com Eliane dos Santos Cavalleiro (2005),

[...] a existência do racismo, do preconceito e da discriminação raciais na sociedade brasileira e, em especial, no cotidiano escolar acarretam aos indivíduos negros: auto-rejeição, desenvolvimento de baixa auto-estima com ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; rejeição ao seu outro igual racialmente; timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial; dificuldades no processo de aprendizagem; recusa em ir à escola e, conseqüentemente evasão escolar. Para o aluno branco, ao contrário acarretam; a cristalização de um sentimento irreal de superioridade, proporcionando a criação de um círculo vicioso que reforça a discriminação racial no cotidiano escolar, bem como em outros espaços da esfera pública. (CAVALLEIRO, 2005, p.12)

A entrada das crianças negras no espaço escolar amplia o universo social uma vez que longe da família, se envolvem com outros grupos, podendo perceber diferenças e semelhanças com outras pessoas. Neste momento, a escola assume o papel de romper com os preconceitos e discriminação que envolve a sociedade, frente à diversidade cultural e étnica que as preenchem, como “instrumento”, ela pode possibilitar a aceitação da identidade ou reforçar os estereótipos que inferiorizam o povo negro.

A afetividade entre as professoras e as crianças nessa etapa, influencia o modo como às mesmas se veem, uma vez que se percebe a aceitação das professoras por umas e a negação de carinho com outras. De acordo com Gomes (2005, p.43),

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável, quando discutimos, nos processos de formação de professores (as), sobre a importância da diversidade cultural. (GOMES, 2005, p.43)

O trabalho na/para a Educação Infantil, não pode ser entendido como uma atividade definida, através de “receitas prontas”, mas que se criem as propostas, de acordo com a diversidade, fazendo com que o olhar das professoras, volte-se as questões étnicas presentes em sala. O cuidar e educar devem ser práticas iguais entre as crianças. O ato de pentear os cabelos pode reforçar características que levem a negação de sua identidade. Segundo Dias; Santiago e Souza (2017),

Ao terem negado seu direito ao afeto e ao cuidado, ‘experenciam’ os séculos de racismo que marcam a história do Brasil, vivenciam a materialização da ideologia racial, pautada em padrões de comportamento e subjetividade. Por essa razão, o afeto dedicado aos meninos negros pequeninhos e às meninas negras, bem como o cuidado equânime, que busca atender o que cada criança pequeninha necessita no cotidiano das creches, pode tornar-se um elemento revolucionário, rompendo com a subalternidade prescrita pelo racismo e promovendo práticas justas de tratamento na educação das crianças (Dias et al, 2017, p.05)

Trabalhar a identidade negra das crianças se faz fundamental na educação infantil, uma vez que ao iniciar de forma positiva a identidade negra neste espaço, estará sendo ofertadas práticas promotoras de igualdade racial, que se fará importante para todas as crianças já que no período da infância, será incluído em seu universo o “espelho” no qual poderão se conhecer e valorizar suas características, oportunizando o enfrentamento ao racismo. Ao romper com materiais que propagam uma cultura hegemônica e permeada de “ideais”, as educadoras possibilitará o espaço para a diversidade cultural e étnica, ao qual se faz presente na escola.

Os discursos de discriminação, preconceito e ideologia do branqueamento, se faz presente nas escolas, adentram nestes espaços (re)transmitindo suas construções sobre o outro. Por isso se torna importante o comprometimento dos/as professores/as em práticas de igualdade. Como “aceitar” um corpo que é negado, em meio a discursos que o inferioriza?

Como “aceitar” um cabelo que é visto como “ruim”, por não ser “fácil” de pentear e “controlar”? Por vezes, a relação de carinho e cuidado entre os/as professores/as lançam padrões ideais de corpos e estéticas. De acordo com Ana Célia da Silva (2005, p.25),

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, o indivíduo estigmatizado tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores tidos como bons e perfeitos. (SILVA, 2005, p.25).

O preconceito não é algo natural, mas construído através de relações de superioridade e inferioridade que se constrói nas interações grupais. As diferenças instituídas nos discursos são construções históricas e sociais, o olhar sobre o outro, influencia o olhar sobre si. A escola não pode se silenciar ou reforçar as discriminações, o que se pretende é que o trabalho com a temática étnico-racial estimule as questões com a diversidade de forma positiva aos/as alunos/as no processo de sua formação identitária e de respeito e valorização aos demais. Como afirma Gomes (2005, p.43), “A identidade negra [...] construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.”.

Partindo das interações sociais, dos discursos frente à história do povo negro, destacamos que a identidade negra é uma afirmação política. Precisamos conhecer a história do povo negro, e nela nos vemos enquanto sujeitos históricos.

Torna-se fundamental o trabalho com o currículo e práticas que apresentem as temáticas étnico-raciais de maneira a construir positivamente a identidade das crianças negras e o conhecimento da diversidade cultural e social. Trabalhar com os livros paradidáticos que mostram a cultura africana e afro-brasileira de maneira positiva, constrói o diálogo com a negritude no espaço da escola, a fim de valorizar o povo negro e sua história, ora silenciada pelo discurso etnocêntrico. De acordo com Zilá Bernd (1988), usando o dicionário Aurélio, afirma que a negritude é:

1) Estado ou condição das pessoas de raça negra; 2) ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura ocidental (BERND, 1988, p. 16 apud SANTOS, 2015, p.01)

As discussões sobre as questões étnico-raciais referem-se às reivindicações do Movimento Negro, que faz repensar as práticas ocorridas no espaço educacional através do silenciamento da história do povo negro e das discriminações, preconceitos e racismo, sofridas dentro deste espaço, trabalhar a identidade negra é romper com os estereótipos propagados, inferiorizando a história de vida do povo negro.

Mediante a Lei 10.639/2003 sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em 09 de janeiro de 2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394), tornando obrigatório o estudo da cultura afro-brasileira e africana, tanto no espaço da rede pública quanto na rede privada. Desenvolvendo documentos que possibilite as questões e temáticas que orientem os/as professores/as com as questões raciais. Apresentando práticas, mas não as determinando como “receitas prontas”, mas que permitam criar e estimular de acordo com as turmas e observações das mesmas, e dos conflitos presentes nela, práticas pedagógicas promotoras de igualdade racial.

O Movimento Negro viu na educação um meio para a luta contra o racismo e as desigualdades sociais. A Lei que torna obrigatório o ensino da temática História e Cultura afro-brasileira e africana não foi um presente do governo, essa lei ecoa a voz do movimento negro por uma educação antirracista, que rompa com a inferiorização do povo negro e que se construa imagens positivas partindo do conhecimento, luta e representantes negros(as) na História do Brasil. Segundo Gomes (2010),

Os ativistas do Movimento Negro reconhecem que a educação não é a solução de todos os males, porém, ocupa um lugar importante nos processos de produção de conhecimento sobre si e sobre ‘os Outros’, contribui na formação de quadros intelectuais e políticos e é constantemente usada pelo mercado de trabalho como critério de seleção de uns e exclusão de outros [...]. (GOMES, 2010, p.04).

Que o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira deixe de ser consideradas “obrigatórias”, mas que professores/as, gestores/as e corpo pedagógico a vejam como um marco importante para a formação de todos, construindo uma educação igualitária, sem os mecanismos de exclusão, presentes nos currículos das escolas.

Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, dentro da Proposta Pedagógica e Diversidade, propõe: “o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileira, bem como o combate ao racismo e à discriminação.” (BRASIL, 2010, p.23). Desta forma, utilizaremos a

literatura afro-brasileira como proposta para combater o racismo e trazer as discussões sobre a identidade negra. Trabalharemos com os bens simbólicos a fim de oferecer o conhecimento das diversidades na Educação Infantil, como afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil no qual esse espaço deve possibilitar, “[...] vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e conhecimento da diversidade” (p.26).

A questão da formação da identidade negra, apontada por Neusa Santos Souza (1983), em seu livro “Tornar-se negro”, evidência a questão do corpo e da identidade negra em meio a discursos de violação da estética e dos discursos de assujeitamentos, [...] Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro. (SOUZA, 1983, p.06). Fazendo-se importante trabalhar com as questões da corporeidade e a construção da identidade negra entendida como uma construção social, histórica e cultural, a fim de possibilitar de forma positiva o “tornar-se negro”.

Optamos em trabalhar a literatura afro-brasileira que trás em sua representação a negritude e questões presentes em nossa sala de aula sobre a identidade negra, estigmatizada através dos discursos do corpo e cabelo, que em nossa sociedade tornam-se os meios manipulados na relação de poder a serem explorados. Segundo Gomes (2003, p.09),

O corpo localiza-se em um terreno social conflitivo... Ele é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. O corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas.

A obra literária que utilizamos para estimular a construção positiva da identidade negra na Educação Infantil, *As tranças de Bintou*, de Sylviane A. Diouf, trás a imagem de uma menina africana que não consegue entender o motivo de seu penteado, diferenciar-se das outras mulheres de sua aldeia. Bintou usa quatro biotes e as outras mulheres, usam tranças com lindos enfeites, despertando a admiração e encantamento da menina. Assim, através de seu penteado, irá sendo explicada a Bintou a passagem da infância para a adolescência, tendo a representação de sua avó Soukeye como a transmissora da história e cultura africana à nova geração.

4. A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA NA OBRA: AS TRANÇAS DE BINTOU

A Literatura infanto-juvenil apresenta-se como filão de uma linguagem a ser conhecida, pois nela reconhecemos um lugar favorável ao desenvolvimento do conhecimento social e á construção de conceitos [...] (LIMA, 2005, p.101)

O livro *As Tranças de Bintou* (2010), escrito por Sylviane A. Diouf e com ilustrações de Shane W. Evans, lançado nos EUA em 2001 e no Brasil em 2004, apresenta aos leitores uma menina africana, chamada Bintou que sonha em ter tranças cheias de enfeites como as da sua irmã Fatou e as mulheres de sua aldeia. A história se desenvolverá através das indagações sobre o cabelo e seu penteado. Sendo narrada pela protagonista, na qual apresenta as tradições de sua aldeia ao qual não especifica o país em que está inserido, mas, apresenta o continente africano e suas tradições.

Por ser criança e ter cabelos curtos, Bintou usa biotes e no desenvolver da narrativa, conhecerá a história da passagem da infância para a adolescência em sua aldeia, através da história oral momento em que vovó Soukeye contará o motivo pelo qual, as crianças de sua aldeia não usam tranças.

A história se inicia com a menina Bintou se apresentando aos/as leitores/as (imagem 1), tendo a sua imagem refletida na água e seus biotes, vistos com sem graça: “Meu nome é Bintou e meu sonho é ter tranças. Meu cabelo é curto e crespo. Meu cabelo é bobo e sem graça. Tudo o que tenho são quatro biotes na cabeça”. (DIOUF, 2010, p.02).

Observemos as imagens abaixo:

IMAGEM 1: Apresentação da menina Bintou



FONTE: DIOUF, 2010, p. 02

IMAGEM 2: A menina e seus sonhos



FONTE: DIOUF, 2010, p.04

IMAGEM 3: Bintou e sua irmã Fatou: tranças desejadas



FONTE: DIOUF, 2010, p.06

Ao observarmos as imagens e seus títulos, notamos o desejo da menina em ter tranças. Na imagem 2, a menina sonha com passarinhos fazendo ninhos em seu cabelo, mas destaca o desejo de usar tranças: “Às vezes, sonho que passarinhos estão fazendo ninhos na minha cabeça. Seria um ótimo lugar para deixarem seus filhotes. Aí eles dormiriam sossegados e cantariam felizes. Mas na maioria das vezes eu sonho mesmo é com tranças, enfeitadas com pedras coloridas e conchinhas.”(DIOUF,2010, p.05). Bintou não questiona o aspecto de seu cabelo, mas o penteado que enquanto menina, se diferencia das mulheres de sua aldeia, assim, como as de sua irmã Fatou, (imagem 3), que ao abraçar Bintou, fala que meninas não usam tranças.

A protagonista principal é a menina Bintou, representada pelas ilustrações de forma positiva, destacando na história aspectos da tradição africana: as roupas coloridas, os rituais

religiosos, a valorização da ancestralidade, a comida, a identidade através da compreensão da história local, os adornos e a relação afetiva entre o feminino. Por ser rica em destacar a cultura africana e a identidade da protagonista, que olha as outras mulheres e deseja ter o penteado parecida com as demais, enfatizamos a identidade negra como a construção social, histórica e política, não ocorrendo em um espaço individual, mas o olhar da menina necessita de explicações para entender a sua origem, a sua história. Nada acontece no isolamento, assim, a literatura afro-brasileira, oportuniza a representação de personagens negros de maneira positiva e a cultura africana valorizada.

O espaço em que se desenvolve a história é a África, continente descrito de maneira em que são valorizadas as tradições e culturas, rompendo com as representações difundidas através da inferiorização do continente africano e da personagem negra. Na imagem a seguir, a autora destaca o espaço da história e os elementos culturais da aldeia africana, em que a menina faz parte. A professora Anória de Oliveira chama à atenção para a importância da obra ao trazer o espaço da África, ao compará-la com a obra: *A África, meu pequeno chaka*, de Marie Sellier (2006),

[...] é possível inferir que se trata de produções inovadoras em relação à caracterização e ilustração dos personagens negros, por corroborarem para a valorização e ressignificação da negritude, dentro do viés de ruptura com a inferiorização dos seres ficcionais delineados, a priori, positivamente. O espaço social é a África, e os mais velhos são a fonte de sabedoria, os infantes são astutos, ativos e altivos, e a ilustração não é caricaturada nos dois textos. (OLIVEIRA, 2008, p.6 apud SANTOS, 2015, p.06).

Observemos a imagem abaixo:

IMAGEM 4: A chegada de vovó Soukeye



FONTE: DIOUF, 2010, p.08

A chegada de vovó Soukeye, ocorre devido à celebração religiosa do batizado do irmão de Bintou. Na imagem, são representadas o espaço ao qual Bintou faz parte,

brincadeiras e as cores e estampas africanas, sobre as estampas, a menina chama á atenção para o vestido de sua avó, “Nesta manhã, vovó Soukeye está vindo nos visitar para o batizado de meu irmão, que hoje completa oito dias. Mamãe me pediu para ir buscá-la. E aqui está ela, com seu lindo vestido azul”. (DIOUF, 2010, p.09).

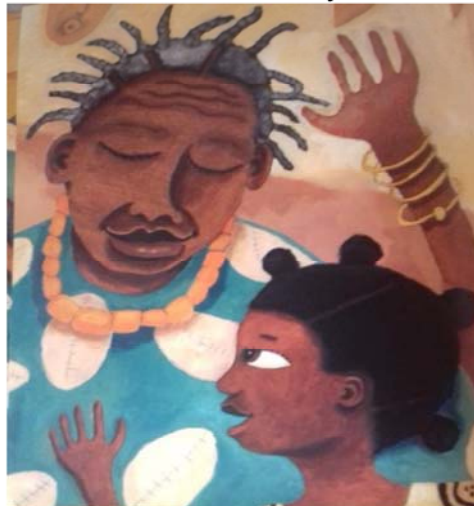
A relação da menina com sua avó, levam os leitores a conhecerem o meio em que é (re)transmitida e explicada as tradições africanas, usando assim, da oralidade e da sabedoria de vovó Soukeye . Assim, nos afirma Vanda Machado (2006),

A Tradição Oral é a grande escola da maioria dos povos africanos. As culturas africanas não são isoladas da vida. Aprende-se observando a natureza, aprende-se ouvindo e contando histórias. Nas culturas africanas, tudo é ‘História’. A grande história da vida compreende a História da terra e das águas, a História dos vegetais e farmacopéia, a História dos astros, a História das águas e assim por diante... (MACHADO, 2006, p.80)

Desta forma, mediante a oralidade, são passadas as tradições pelos mais velhos da aldeia, sendo considerados os guardiões da memória. Na história analisada, além da personagem da vovó Soukeye, será apresentado Serigne Mansour, responsável pelo ritual do batismo.

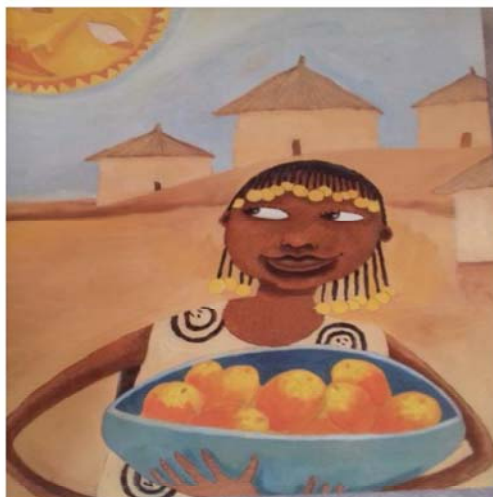
Observemos as imagens abaixo:

IMAGEM 5: Vovó Soukeye sabe tudo!



FONTE: DIOUF, 2010, p. 10

IMAGEM 6: A noite, os sonhos e a adolescência



FONTE: DIOUF, 2010, p. 13

Ao procurar entender o motivo de não poder usar tranças, a menina Bintou questiona vovó Soukeye sobre o seu penteado. A avó representa a sabedoria e a valorização dos mais velhos na tradição africana, e explicará que as meninas precisam viver as fases de sua vida, assim, o penteado destaca-se por ser o marco da passagem da infância para a adolescência.

Assim, vovó Soukeye, ao afagar a cabeça de Bintou, conta à história que fez com que as crianças de sua aldeia, através do cabelo e de seus penteados, esperassem a passagem de seu desenvolvimento em poder brincar e fazer amigos vivendo a infância. Sobre o poder da fala e a memória na tradição africana, nos fala Machado (2006),

A memória das antigas sociedades africanas se apoiava na transmissão continuada de histórias, contendo conhecimentos, princípios e valores que preservavam, entre outros, o sentido agregador enquanto família e vinculação à terra. Portanto, o ato de lembrar está na essência das tradições que sustentam a organização comunitária e formas de governar nessas sociedades. (MACHADO, 2006, p.81).

Desta forma, após o questionamento, vovó Soukeye conta a Bintou, a história que explica o motivo dos penteados, respeitando os momentos da passagem da infância para a adolescência das meninas (imagem 5),

Vovó Soukeye sabe de tudo. É o que mamãe sempre diz. Ela me explicou que os mais velhos sabem mais porque viveram mais, e por isso aprenderam mais. E, já que a vovó sabe tudo, eu lhe pergunto por que meninas não podem usar tranças. “Há muito tempo, existiu uma menina chamada Coumba que só pensava no quanto era bonita”, vovó diz enquanto afaga minha cabeça. “Todos a invejavam, e ela foi se tomando uma menina vaidosa e egoísta. Foi nessa época, e por isso, que as mães decidiram que as crianças não usariam tranças, só birotos, porque assim elas ficariam mais interessadas em fazer amigos, brincar e aprender.” Vovó me acaricia e diz: “Querida Bintou, quando for mais velha, você terá bastante tempo para a vaidade e para mostrar a todos a bela mulher que será. Mas, agora, querida, você

ainda é apenas uma criança. Poderá usar tranças no momento adequado”. (DIOUF, 2010, p.11).

Após a conversa, Bintou sonha com a adolescência, momento ao qual poderá usar as tranças e os enfeites que tanto admira e deseja. (imagem 6),

Nessa noite, sonho que sou mais velha, que tenho dezesseis anos e uso tranças com conchinhas e pedras coloridas. Quando balanço a cabeça, o Sol me segue, e eu brilho como uma rainha. Quando acordo, me olho no espelho. Ainda sou a Bintou com quatro birotos na cabeça. (DIOUF, 2010, p.12).

Percebe-se, que através do cabelo, a cultura indica o seu significado no papel identitário, evidenciando os padrões de mundo existente em seu grupo. Gomes (2002), nos fala sobre a relação do homem e do corpo enquanto afirmação identitária, “O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo. Pinturas corporais, penteados, maquiagem adquirem dentro de grupos culturais específicos, sentidos distintos para quem os adota e significados diferenciados de uma cultura para outra [...]” (GOMES, 2002, p.03).

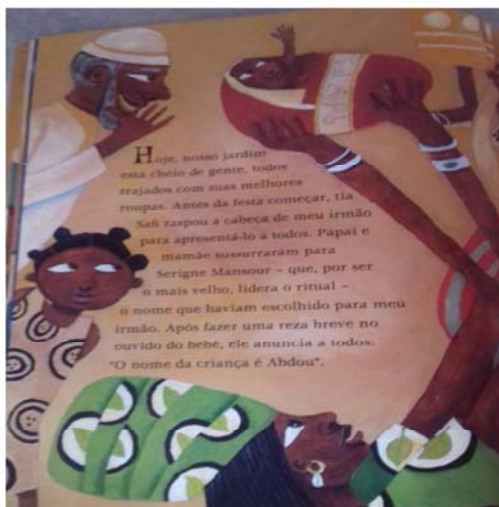
Ao falar em cabelo e seu valor identitário, o penteado se torna o símbolo da tradição cultural, refletindo as mensagens e identidades africanas. Na história, o batismo do irmão de Bintou, registra o momento em que o cabelo da criança é raspado para o ritual religioso. Ao falar em cabelo e mensagens dos grupos africanos, nos afirma a escritora Ayana D. Byrd e a jornalista Lori L. Tharps (2001),

[...] que no início do século XV o cabelo funcionava como um condutor de mensagens na maioria das sociedades africanas ocidentais [...] Desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas [...]. (BYRD, A.D; THARPS, L.L apud GOMES, 2003, p.82).

A ancestralidade volta a aparecer na história, ao ter Serigne Mansour como o líder do ritual de batismo, apresentado por Bintou como o mais velho responsável pela tradição. Conforme Machado (2006), “Os velhos são os guardiões das tradições. As tradições são também obras literárias que sustentam as culturas [...]” (MACHADO, 2006, p.96). Desta forma, a história oferece o respeito e a representação dos mais velhos como aqueles que são conhecedores das tradições. Assim, a ancestralidade na literatura, oportuniza a relação de respeito e questionamento sobre o lugar em que os avós ocupam em nossa sociedade. Trabalhar fazendo pontes e reflexões tornam-se importante para as crianças, uma vez que permitir aos/as alunos/as participarem das histórias é um ato de incentivo, reflexão e participação nas histórias.

Observemos as imagens a seguir:

IMAGEM 7: Ritual religioso: o batismo



FONTE: DIOUF, 2010, p.14

IMAGEM 8: Batismo: as danças e as cores



FONTE: DIOUF, 2010, p.15

As imagens 7 e 8, representam o batismo de (Abdou), irmão de Bintou. É no momento do batismo, em que todos se reúnem, com suas melhores roupas e a imagem da ancestralidade volta a ser valorizado no personagem que lidera o ritual- Serigne Mansour. O cabelo do irmão de Bintou é raspado, por sua tia Safi,

Hoje, nosso jardim está cheio de gente, todos trajados com suas melhores roupas. Antes da festa começar, tia Safi raspou a cabeça de meu irmão para apresenta-lo a

todos. Papai e mamãe sussurram para Serigner Mansour - que por ser o mais velho, lidera o ritual – o nome que haviam escolhido para meu irmão. Após fazer uma reza breve no ouvido do bebê, ele anuncia a todos: “o nome da criança é Abdou”. (DIOUF, 2010, p.14).

Nos aspectos culturais presentes na obra, trazemos o conceito de Cultura, que segundo Aloysio Ullmann, ‘cultura é todo comportamento humano-cultural, transmissão social. [...] é saudação dirigida a alguém, é a forma de educar a prole [...] é o modo de vida da sociedade. Cultura é um termo que dá realce aos costumes de um povo’. (ULLMANN, 1980, p.86 apud SANTOS, 2015, p.06). Portanto, ao ter contato com os mais velhos, Bintou vai conhecendo através do cabelo, os fios da história de seu povo. Assim, os mais velhos, através da oralidade faz a ligação da menina com o seu passado, a história e tradição de seu povo de forma positiva. Em falar sobre cultura e formações de identidades nacionais, Stuart Hall (2004) nos apresenta,

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...]. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas [...]. (HALL, 2004, p.50-51).

O desejo em ter tranças, entrava nos sonhos da menina. Ao observar o penteado das mulheres de sua aldeia, repletas de enfeites que soavam como a chuva, na imaginação da menina Bintou. Nas imagens abaixo, os olhos de encantamento da menina, observa atenta às tranças das mulheres de sua aldeia e da sua família, descrevendo o tempo de duração do penteado de sua tia Aida, e a maneira de trançar e enfeitar as tranças, que representam como os ancestrais penteavam o cabelo (imagem9).

Observo as mulheres por trás da mangueira. Fatou, minha irmã, está junto delas. Fatou passou um óleo perfumado em seus cabelos que os faz brilhar e ajuda a trançar-los apertados. As amigas de mamãe usam franja trançada, com moedas de ouro na ponta. Dizem que isso é para mostrar a nós, crianças, como nossos tataravós, que nunca conhecemos, penteavam o cabelo. As tranças de tia Aida levaram três dias para ser feitas. São tantas que nem Maty, minha irmã mais velha, consegue contá-las. (DIOUF, 2010, p.18).

Ao falar na relação da identidade grupal através dos rituais com o corpo e sua cultura, nos fala Gomes (2002)

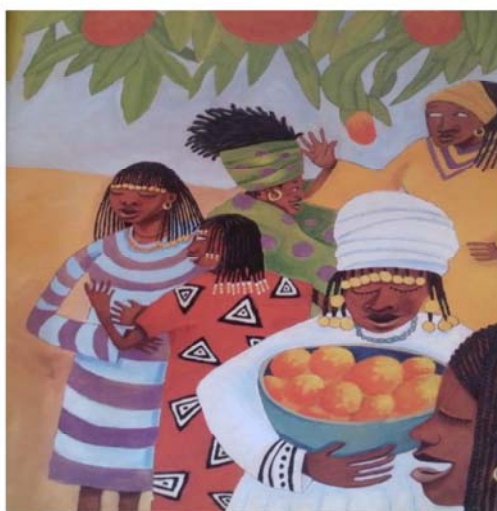
A relação do homem com o corpo é pautado por um imperioso processo de alteração. Manipular, adornar, alterar, pintar, escarificar, tatuar, cortar são ações que fazem parte da dinâmica cultural e dos diferentes rituais de toda e qualquer

sociedade [...] A experiência corporal é sempre modificada pela cultura, segundo padrões culturalmente estabelecidos e relacionados à busca de afirmação de uma identidade grupal específica [...]. (GOMES, 2002, p.03)

Falar em identidade e sua formação no meio social em que se está inserido refletem no olhar do grupo para/na construção de identidades. Desta forma, a formação da identidade negra não ocorre de modo isolado, passasse pelo “espelho” nos quais se criam os exemplos desejados e admirados, através do diálogo, vai se formando as identidades tanto pessoal, como as sociais.

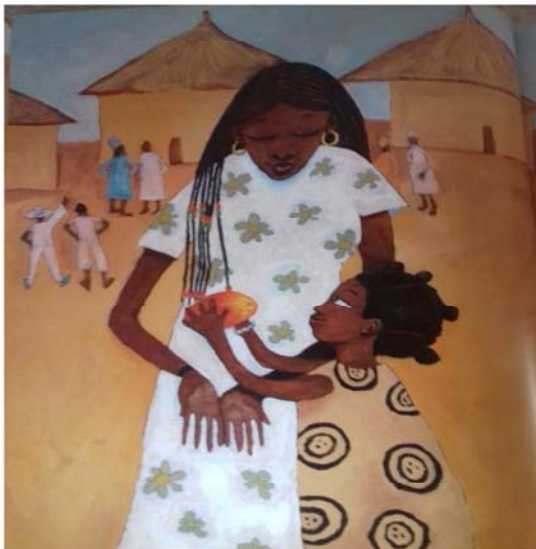
Observemos as imagens:

IMAGEM 9: Mulheres da aldeia: tranças que encantam



FONTE: DIOUF, 2010, p.19

IMAGEM 10: Teresa, amiga brasileira



FONTE: DIOUF, 2010, p.20

A representação da imagem 10 coloca Bintou de frente com a brasileira Teresa, em contato com outro espaço social, mas que carrega a cultura africana em sua formação. Essa relação da história permite práticas pedagógicas em que se possibilite o reconhecimento das práticas africanas e de seus penteados presentes em nossa cultura.

Mariama, que estuda na cidade, e sua amia têm tranças tão longas que chegam na cintura. A amiga dela não é daqui, eu deduzo por seu sotaque. Quando lhe ofereço papaia, ela diz: “Eu me chamo Teresa, e sou brasileira”. Eu lhe pergunto se as garotas brasileiras usam tranças. “Muitas usam e põem prendedores coloridos em cada uma”. As brasileiras devem ser lindas... A mulher sorri e balança suas tranças. As miçangas soam como a chuva. E tudo o que tenho são quatro birotos sobre minha cabeça. É triste. (DIOUF, 2010, p.21).

Podemos ver a construção da identidade negra de Bintou em seu convívio familiar e social, ao conhecer a representação das meninas brasileiras, através de nossas raízes africanas, Bintou, depara-se com outra tradição, ao qual continuasse a trançar e a enfeitar os cabelos, mas, não se divide as fases do desenvolvimento feminino através do penteado. Sobre as tranças usadas pelas crianças negras, Gomes (2003), fala sobre o uso do penteado e de sua simbologia na construção da identidade negra,

[...] o uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela criança negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças na infância, constitui um verdadeiro ritual para essa família. Elaborar tranças variadas no cabelo das filhas é uma tarefa aprendida e desenvolvida pelas mulheres negras. (GOMES, 2003, p. 177).

Observemos as imagens 11 e 12:

IMAGEM 11: Bintou, corajosa!



FONTE: DIOUF, 2010, p.23

IMAGEM 12: Após a coragem, direito a prêmio!



FONTE: DIOUF, 2010, p.25

Bintou vai tendo conhecimento das tradições de seu povo e tecendo os fios de sua cultura. A representação de Bintou, além de ser positiva em relação a sua identidade negra,

coloca a personagem em posição de coragem e valentia, rompendo com conceitos sobre o feminino. Após um episódio em que Bintou impede o afogamento de crianças por ser corajosa é buscar o atalho que quase ninguém usa (imagem 11). Bintou receberá um prêmio das mulheres de sua aldeia que as cercam enchendo-a de carinho e de biscoitos. Antes mesmo de responder sobre o que gostaria de ganhar, Fatou informa que a menina sonha em ter tranças (imagem 12).

Na vila, todos me rodeiam: tia Alimatou, a mãe de Bouba e de Yaya, traz biscoitos para mim. Mamãe me diz: “Você é uma menina corajosa. Se tivesse escolhido o caminho mais fácil, teria chegado tarde. Você salvou esses meninos. Por isso, vamos lhe dar um prêmio. Diga-nos o que você mais deseja”. Antes que eu possa falar, Fatou diz: “Ela sonha com tranças”. Mamãe acaricia meu cabelo, do qual só restavam dois dos birotos. Os laços que prendiam os outros dois se soltaram enquanto eu corria pela mata. “Então você terá suas tranças.” (DIOUF, 2010, p.24).

Após a promessa, Bintou sonha que o sol a segue e que pássaros se aninham em seu cabelo. A personagem da avó volta a fazer parte da história, que ao colocar Bintou entre suas pernas, passa um óleo em sua cabeça e inicia o penteado. Penteado este, que mudará o olhar de Bintou sobre o seu cabelo e assim, a menina terá o seu sonho realizado, no qual os passarinhos amarelos e azuis pousarão em seu cabelo (imagem 13),

De manhã, vovó Soukeye me chama em seu quarto. Ela me diz para sentar no chão, entre suas pernas. Ela passa um óleo perfumado em meu cabelo. “Você é uma menina muito especial”, sussurra. “Seu cabelo será tão especial quanto você”. Eu conto a ela que tia Awa estava vindo para fazer tranças no meu cabelo. Mas ela diz: “Quieta”. Sinto seus dedos rápidos e rasteiros, parece que ela está fazendo birotos. Quando termina, não tenho coragem de olhar para o espelho que ela segura à minha frente. Vovó pede: “Abra seus olhos, querida Bintou”. É quando vejo pássaros amarelos e azuis em meu cabelo. Foi-se a menina sem graça com quatro birotos na cabeça. No espelho, aparece uma garota com um lindo cabelo olhando para mim. (DIOUF, 2010, p. 29).

Observemos as imagens 13 e 14:

IMAGEM 13: A construção do penteado



FONTE: DIOUF, 2010, p. 28

IMAGEM 14: A menina dos pássaros no cabelo



FONTE: DIOUF, 2010, p.31

No início da história, Bintou se apresenta com o sonho de ter tranças, com um cabelo bobo e sem graça e com quatro biotes na cabeça. Ao finalizar a história, Bintou enfatiza que tem cabelos negros e brilhantes, sua autoestima destaca-se mediante a sua apresentação e de seu penteado. O contato com a avó a fez conhecer a história contada e guardada em seus cabelos, (imagem 14), “Eu sou Bintou. Meu cabelo é negro e brilhante. Meu cabelo é macio e bonito. Eu sou a menina dos pássaros no cabelo. O Sol me segue e estou muito feliz.” (DIOUF, 2010, p.30). As imagens do encontro da menina Bintou com a sua avó expressa

sensibilidade e amor entre as descrições do texto: “afagar, sentar entre suas pernas”, expressam o carinho entre as personagens.

Em cada fio, uma história! Em cada enfeite, uma mulher a trançar e enrolar os cabelos. E assim, Bintou aprendeu a história com sua avó, agora será ela, que irá falar sobre seu povo para suas filhas. Que saibamos afagar nossas crianças e ao trançar seus cabelos, permitamos que elas conheçam nossa cultura.

A história “As Tranças de Bintou (2010)”, apresenta o protagonismo feminino e as relações que marcam a escrita e o relacionamento entre a menina Bintou e as mulheres de sua vila. A avó aparece enquanto a transmissora do conhecimento da cultura e história de seu povo, explicando a Bintou a passagem da infância para a adolescência.

A afetividade feminina existente nas relações das personagens dá voz à mãe África e as suas identidades, culturas, histórias, adornos e tradições. O desfecho da história das Tranças de Bintou foge do final romantizado das histórias literárias e seu final: e foram felizes para sempre! A apresentação de autovalorização da menina Bintou, ao ganhar birotos cheios de enfeites e ser feliz por seu penteado, possibilita a outras crianças conhecerem suas origens e suas histórias, percebendo que entre os seus cabelos, existe toda uma história na qual as identidades negras se apresentam cheias de representações de um povo de luta e de resistência.

Quando pensamos em nossos alunos/as e nas questões que se fazem presentes em nossa sala de aula, percebemos o quanto o livro de Sylviane A. Diouf, atua de maneira positiva nas questões étnico-raciais, abordando a identidade negra e a autoestima de maneira positiva, iniciando com as ilustrações que representam a menina Bintou e os demais personagens de forma positiva, sem os estereótipos e as caricaturas que são recorrentes nos clássicos da literatura, ao representarem os personagens negros. A cultura africana é apresentada de maneira a valorizar os costumes e o país, podendo assim, incluí-lo em nossas práticas pedagógicas.

Trabalhar com questões étnicorraciais e a negritude favorecem as crianças negras e brancas a conhecerem e despertarem a curiosidade sobre a história de nossa formação cultural e social. Que a escola seja um espaço de construção de identidade negra positiva, mostrando personagens negros/as presentes nas literaturas infanto-juvenis de maneira positiva. De acordo

com Gomes (2006, p.12), “[...] A questão racial, em um país racista, sempre será política e ideológica, quer queiramos ou não, pois se contrapor ao racismo é se contrapor a práticas, posturas e ideologias. Exige posicionamento e mudança de comportamento.” O corpo e o cabelo na vivência das crianças negras se tornam marcantes, uma vez que as representações propagadas no meio social os apresentam de maneira pejorativa, assim, precisamos nos contrapor as questões de racismo e discriminações, levando para aula, práticas promotoras de igualdade racial e de construção positiva da identidade negra. Em cada fio de cabelo, um povo e sua história, em cada povo a África!

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa compreensão frente às representações das personagens negras na literatura é permitir que os/as professores/as engajados na construção positiva da identidade negra, as utilize como um meio para a efetivação de um ensino antirracista e preocupado em práticas promotoras de igualdade. Esse universo literário nos oferece sensações, emoções e imagens que apresentam as práticas culturais, informando através de seus símbolos, possibilitando através das imagens as representações positivas dos personagens e de sua cultura. De acordo com Heloisa Pires Lima (2005),

Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam percepções sobre aquele mundo imaginado [...] A cultura informa, através de seus arranjos que orientam as percepções de mundo. E se pensarmos nesse universo literário, imaginado pela criação humana, como um espelho onde me reconheço através dos personagens ambientes, sensações? Nesse processo, eu gosto e desgosto de uns e outros e formo opiniões a respeito daquele ambiente ou daquele tipo de pessoa ou sentimento. (LIMA, 2005, p.101-102).

Através da literatura em sala, qual a representação que se pretende desenvolver? A de aceitação ou de negação frente às representações apresentadas? Esse espelho literário, introduzido através de representações positivas despertará o reconhecimento e a valorização da cultura e identidade negra. A importância em inserir a literatura nas aulas, permite que as crianças se reconheçam em meio às representações.

Entende-se que a escola seja um local onde ocorra o rompimento do silêncio frente às discriminações, racismo e preconceitos. Que saibamos reconhecer enquanto educadores as práticas e os discursos racistas que rondam nossa escola e nossa sala de aula.

Trabalhamos a literatura infanto-juvenil: dentro da temática afro-brasileira, através das representações positivas da personagem negra no espaço da educação infantil, a fim de romper com os estereótipos de inferioridade que preenchem os contos da literatura, considerados como os “clássicos” infantis, que carregam representações de “ideais” de beleza, com seus/as personagens europeus, transmitindo os padrões considerados como “belo e bom”, aos personagens vistos como a personificação do mal, cabendo os estereótipos da cor negra, representados como o mal, corpo sujo, com descrições e ilustrações pejorativas. Os livros paradidáticos devem ser analisados pelos/as professores/as, uma vez que em suas ilustrações,

podem seguir a visão etnocêntrica, inferiorizando uma cultura e colocando outra como superior às demais, não podemos propagar as discriminações, silenciar em frente a essas representações, a identidade negra será negada pelas crianças. Segundo Ana Célia da Silva (2005, p.24),

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores culturais dos grupos sociais valorizados nas representações.

A literatura, *As Tranças de Bintou* (2010), de Slviane A. Diouf, possibilita o trabalho com a cultura africana e a identidade negra positiva, uma vez que a personagem protagonista é uma menina negra, que conhece a história de seu povo através da sua avó, conhecedora e transmissora das tradições de sua aldeia. Bintou, assim, como tantas/os meninas/os, precisam conhecer a sua história, necessitam se reconhecer em meio aos livros que adentram as salas de aula. De acordo com Munanga (2000, p.14),

[...] A diversidade é uma riqueza e não deveria criar problemas. Não podemos construir a identidade brasileira a partir de uma única cultura, considerada superior, que é a ocidental. A criança precisa aprender na escola como os portugueses, os japoneses, os negros contribuíram para o desenvolvimento do país. E que nenhuma dessas contribuições é melhor do que a outra.

Desenvolver práticas promotoras de igualdade racial falando da diversidade existente em nossa sociedade é possibilitar que os/as alunos/as conheçam as participações de diferentes grupos e culturas em nossa formação social. A escola não deve ser reprodutora do racismo e de suas ideologias frente ao outro. Mas um espaço de construção de identidades e de valorização e reconhecimento cultural, identitário e social.

A educação deve ser antirracista e ofertar um espaço acolhedor, portando, escolhemos em enfatizar a Educação Infantil por ser compreendida como a primeira etapa da educação, uma vez que as relações das crianças influenciam a formação de suas identidades, através dos grupos aos quais estão inseridas.

Temos a Lei 10639/2003 que torna obrigatório o ensino da temática História e Cultura Afro-brasileira e Africana, essa lei deve ser posta em prática, e que o ensino ultrapasse o dia da Consciência negra, que práticas pedagógicas possam se fazer presentes no currículo, quebrando a barreira do dia “D”, que a escola efetive um trabalho coletivo, inserindo os/as alunos/as, vivenciamos a cultura e a história do povo negro, enquanto sujeitos históricos, não

se pode restringir um dia, mas em todos os nossos costumes, crenças, religiosidade, tem a diversidade em nossa formação. Assim, a literatura infanto-juvenil torna-se importante nestas práticas, partindo dos questionamentos dos/as professores/as frente às obras, poderão ser inseridas para a construção positiva da identidade negra.

A escola deve reconhecer as diferenças não só corporais, cabelo, cor, mas valorizar a história e cultura dos povos negros. As crianças necessitam construir sua identidade negra de forma positiva, as representações de príncipes e princesas que rondam o imaginário infantil precisam ser trabalhadas, os livros paradidáticos desenvolverá a ampliação de personagens que junto aos/as professores engajados por uma educação infantil promotora de igualdade ser um aliado importante nesta caminhada antirracista. Precisamos falar!

Precisamos refletir sobre as nossas práticas pedagógicas. Textos de pesquisadores sobre a temática étnico-racial se faz presente nos espaços virtuais e nas livrarias. Que a educação seja de construção de identidades, que através das histórias infantis, crianças negras parem de sofrer ao querer embranquecer-se, para se parecer com as princesas. Que o espelho literário de nossas salas de aula, reflita as diversidades, que eles possam representar nossos/as alunos/as e que os/as levem a se reconhecerem positivamente em meio aos/as personagens e características apresentados.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares; BASSO, B.G; LAUXEN, S.L; RODRIGUES, S.L; SOUZA, Antônio Escandiel de. Literatura infantil: origens e tendências. In: **XV Seminário Internacional de Educação no Mercosul**. 2013, p.1-9.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a auto-estima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola** [Livro eletrônico]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.119-125. Livro digital.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**., Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____, MEC/ SECADI. **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Infantil** [Livro eletrônico]. Brasília: MEC/ SECADI, UFSCaR, 2014.

_____. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC; SECADI, 2013.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** [Livro eletrônico]. Brasília: MEC/SEF, 1998, v.1.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A Identidade Racial em Crianças Pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação Infantil, Igualdade Racial e Diversidade: Aspectos Políticos, Jurídicos, Conceituais** [Livro eletrônico]. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. CEERT, 2012, p.98-117.

BENTO, Maria Aparecida Silva; SILVA JR, Hédio. (coordenadores). **Educação Infantil e Práticas Promotoras de Igualdade Racial**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades [Livro eletrônico]. CEERT: Instituto Avisa Lá- Formação Continuada de Educadores, 2012.

CARMO, Mariana Nascimento do; MACIEL, Lilian Lima. Literatura Infanto-Juvenil e Questões Étnico-Raciais. In: **Anais do CENA**. vol.01, Uberlândia: EDUFU,2013, p.01-09. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdocena/wp-content/uploads/2014/02/cena3_artigo_14.pdf Acesso em 13 de janeiro de 2017.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Introdução. In: **Educação Anti-Racista: Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10639/2003** [Livro eletrônico]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Livro digital, p. 11-18.

DIAS, Lucimar Rosa; SILVA JR, Hédio. Diversidade Étnico-Racial e Educação Infantil: uma introdução. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Práticas Pedagógicas para a Igualdade Racial na Educação Infantil** [livro eletrônico]. São Paulo: centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. CEERT, 2011, p.19-26.

DIAS, Lucimar Rosa; SANTIAGO, Flávio; SOUZA, Ellen Gonzaga Lima. Educação Infantil e Desigualdades Raciais: tessituras para a construção de uma educação das/nas relações étnicos-raciais desde a creche. In: **Revista Humanidades e Inovação**, v.04, n.1, 2017.

Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/276/232> Acesso em 10 de setembro de 2017.

DIAS, Lucimar Rosa. Políticas Públicas voltadas para as diversidades: a igualdade racial na educação infantil- um caminho a ser percorrido. In: **Cadernos Imboneiro**. João Pessoa, v. 4, n.2, dez.2015.

DIOUF, S.A. **As Tranças de Bintou**. São Paulo: Cosac & Naif, 2010.

FONSECA, Ivonildes da Silva. As brincadeiras infantis e os mecanismos discriminatórios contra as crianças negras. In: COSTA, Marta Furtado da; CHAGAS, Waldeci Ferreira; FONSECA, Ivonildes da Silva. (org.). **Estudos Étnico-Raciais na Educação Básica**. João Pessoa: Editora Imprell, 2016, p.77-85.

FREIRE, Patrícia Adriana Silva. Literatura Infantil Brasileira e Poder. In: **Revista Litteris**. Nº 10, 2012, p.19-28. Disponível em:
https://docs.wixstatic.com/ugd/3d3c16_c20c2c205d194e29829078c0b1f21f24.pdf Acesso em 23 de julho de 2017.

GODOY, Maria Carolina de; MENDES, Rafaella de Queiroz. Por um Olhar Antirracista na Educação: Estudo do Conto “O Anjo”. In: BRANDINI, Laura T; FERREIRA, Cláudia C; SILVA, Jacicarla S.(org.). **Diálogos e Perspectivas**. Londrina, 2014, p. 360-368. Disponível em:
http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Rafaella%20de%20Queiroz%20Mendes%20e%20Maria%20Carolina%20de%20Godoy_Texto%20Completo.pdf Acesso em: 10 de setembro de 2017.

GOMES JÚNIOR, Cleonildo Mota. A Prática Pedagógica com as Literaturas Infantis: o reconhecimento identitário da criança afro-brasileira. In: **Revista Educação e (Trans)formação**. Garanhuns, v.02, n. 01, nov. 2016/abr. 2017, p. 1-19.

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação Anti-Racista: Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10639/03** [livro eletrônico]. Secretaria de educação continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p.39-62.

_____. Educação, Identidade Negra e Formação de Professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, 2003, v. 29, n.167-182.

_____. Diversidade Étnico-Racial, Inclusão e Equidade na Educação Brasileira. In: **Cadernos ANPAE**. v.1, 2010, p. 1-13.

_____. **Corpo e Cabelo como Símbolos da Identidade Negra**. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.

_____. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? In: **Revista Brasileira de Educação**. 2002, n. 1, p.40-52

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JOVINO, I. S; LIMA, M. N; SOUZA, Florentina. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil. In: LIMA, Maria Nazaré; SOUZA, Florentina (org.). **Literatura Afro-Brasileira** [livro eletrônico]. Salvador: Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais: Fundação Palmares, 2006, p. 179-217. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf_257.pdf Acesso em 20 de dezembro de 2016.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira**: história e histórias [Livro eletrônico]. Ática, 2007.

LIMA, Heloisa Pires. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. (org.). **Superando o Racismo na Escola** [livro eletrônico]. Brasília: Ministério da educação, secretaria de educação continuada, Alfabetização continuada e Diversidade, 2005, p. 103-117.

MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. In: LIMA, Maria Nazaré; SOUZA, Florentina (orgs.). **Literatura Afro-brasileira** (livro eletrônico). Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: fundação Cultural Palmares, 2006, p.77-113.

MUNANGA, Kabengele. Racismo: está luta é de todos. In: **Raça Brasil**. ano 5, n. 50, 2000, p.13-15.

_____. (org.). **Superando o Racismo na Escola** [livro eletrônico]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. A tessitura dos Personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira. In: **Sementes**. Salvador, v.06, 2005.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Educação Infantil. In: **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** [livro eletrônico]. Brasília: SECAD, 2006.

SANTOS, Eveline Alvarez dos. Diálogos entre Cultura, Negritude, Literatura Infanto-Juvenil e Ensino. In: **Cadernos Imboneiro**. João Pessoa, v.4, n.2, 2015, p.1-7.

SILVA, Ana Célia. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola** [livro eletrônico]. Brasília: Ministério da Educação/SECADI, 2005.

SILVA, Kátia Gomes da; SILVA, Luciana Cunha Laura da. O Negro na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira. In: **Revista Thema**. Volume 8, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola** [livro eletrônico]. Brasília: Ministério da Educação/SECADI, 2005, p. 157-174.

_____. Formação da Identidade e Socialização no Limeiro. In: **Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, nº 63, 1987, p. 141-147.

SOUSA, Andréia Lisboa de. A Representação da Personagem Feminina Negra na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira. In: **Educação Anti-Racista: Caminhos Abertos pela Lei Federal nº 10639/03** [livro eletrônico]. Brasília: Ministério da educação, secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade, 2003, p.185-204.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social** [livro eletrônico]. 2º ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Humilhação, encorajamento e construção da personalidade. In: TRINDADE, Azoilda Loretto. (org.). **Africanidades Brasileiras e Educação: Salto para o Futuro** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro/ Brasília: Acep/ TV Escola, 2013, p.80-85.